



Sociedade das Ciências Antigas



Post Mortem



Enel



Sociedade das Ciências Antigas

***POST MORTEM***

***POR***

***ENEL***



***TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS  
"POST MORTEM"***

## **POST MORTEM**

“A morte está distante de mim agora  
Como o desejo do homem de retornar a sua casa  
Quando ele passa longos anos em cativeiro...”  
(Papiro da XI dinastia, mais de 2.000 AC.)

### **1. A LIBERTAÇÃO**

Quadro de inspiração de Kazimir Stabrovsky, antigo diretor da Academia de Belas Artes de Varsóvia, grande ocultista e amigo do autor.

O quadro mostra uma alma deixando seu invólucro terrestre, como uma borboleta saindo de sua crisálida e parecendo se elevar até um ideal invisível. Nas esferas flutuando em torno dele e parecendo bolhas de sabão estão representados os acontecimentos principais de sua vida sobre a terra - é o despertar consciente no momento da morte. Embaixo, À esquerda, seus parentes, mortos antes de sua libertação, lhes estendem os braços para o acolher.



A morte, que palavra terrível! Terrível, pois nenhuma pessoa voltou do outro lado para esclarecer os vivos. E, portanto, a vida está estreitamente ligada à morte. O homem sabe, desde seu nascimento, que é a única coisa que não poderá evitar e que acontecerá de um modo ou de outro, cedo ou tarde.

Quando vemos um morto estendido, os traços calmos como se ele houvesse enfim encontrado o repouso após uma vida cheia de angústias e de decepções, estremecemos, involuntariamente invadidos por uma espécie de medo que percorre todo o ser. Por que um cadáver provoca impressões terrificantes, sendo que ele não pode mais prejudicar a ninguém, sendo menos perigoso que um vivo?

É porque ele atinge um lugar sobre o qual nada sabemos.

Uma doença, um aleijão, um desgraçado prefere levar uma existência dolorosa e miserável, do que morrer. Vivendo ele pode enfrentar os males que ele conhece mais ou menos, compreende sua situação, prova algumas alegrias em meio a sofrimentos que o destino lhe impõe, enfim, ele espera que todas as coisas se tornem melhores.

Chegando a fronteira sinistra ele não sabe nada, ele ignora mesmo se sua existência se prolongará do lado de lá. Seu único desejo é o de viver, de viver a todo preço, mesmo na infelicidade, na miséria, em uma desgraça incessante.

É por essas razões que a pena de morte é um castigo terrível, pois não podemos suprimir do homem nada mais precioso que sua vida.

É por isso que o maior heroísmo consiste em morrer por um ideal, por seu próximo, por sua pátria. Se soubéssemos o que nos aguarda após a morte, esta última perderia, com o mistério que a rodeia, seu aspecto terrificante. A morte está envolta de trevas; por isso os gregos, em seus mitos que representam tão bem os movimentos da alma humana, ensinam que a deusa da morte – Thomatos – era filha de Erébe, deus do inferno e da noite.

A vida humana se desenvolve sob os raios brilhantes do sol – Apolo – rodeado de prazeres régios pelas musas, mas a morte separando o reino da noite, das trevas, reino do implacável Chronos – o Tempo – que a conduz para seu barco sinistro.

"Todos os dias levam à morte, o último aí chega", disse Montaigne, e as Santas Escrituras prescreve ao homem para pensar continuamente na morte, para se preparar, pois não sabemos nem o dia e nem a hora de nossa partida.

A ciência oficial diferencia o ser vivo do cadáver. Ela nos diz que a célula viva transforma as substâncias químicas inorgânicas em matérias orgânicas, e que a célula morta nada pode realizar, e isto é tudo. Como pode ela explicar o que é a morte se ela ignora o que é a vida? Ela pode constatar de fato a morte física, da mudança que se produz subitamente dentro de um ser que se desloca, se alimenta, fala e pensa, que por seus atos toma parte da vida coletiva. Quanto a explicar essa transformação, impedir ou dizer o que vai acontecer, ao motor da vida que deixou seu invólucro físico, a ciência é incapaz. É pelo domínio da fé que a religião, nos ensina que após a morte vem a vida eterna, pois a centelha divina incorporada no homem não pode se apagar nem desaparecer, como não pode mais desaparecer um átomo constitutivo da matéria do corpo físico. Tudo é eterno e não faz mais que se transformar, pois nada se perde; lei verificada pela ciência no que concerne a matéria.

A morte não é mais que uma transformação e como cada parcela física do corpo continua a existir sob uma outra forma, a alma, substância superior, prossegue sua evolução, é por isso que a carta do antigo Tarô Egípcio que corresponde à morte significa Renovação. O pensar na morte é assustador, pois ela se confunde na imaginação com aquele de Fim. Mas, o renascimento é esperançoso, pois vale dizer que é o Começo de um outro gênero de existência talvez, mas de qualquer maneira, Começo. E isso é sempre carregado de esperança, pois é o movimento, a vida, enquanto que o fim marca a parada, a desagregação.

Os grandes pintores de todos os tempos, o Titien, Palma, Andréa del Sarto, Véronese....., representavam a morte como uma coisa fatal e igual para todos, os reis como os miseráveis. Seus atributos ordinários compreendem um esqueleto, uma foice e uma ampulheta. Os escultores empregaram os mesmos símbolos em unissonância a imobilidade aparente da matéria morta a idéia da vida eterna, por exemplos Torvaldsen "Morte e imortalidade". Todas as múmias egípcias são rodeadas de signos representativos desta crença na vida eterna que constitui a base da religião de seu povo. Enfim os poetas, sempre cantaram a morte que liberta do sofrimento e que é a aurora de uma vida mais bela do que conhecemos aqui embaixo. Alguns descrevem a morte como um despertar, outros, ao contrário, dizem que morrer é adormecer para ter belos sonhos.

Para aquele que não tem fé, a morte é assustadora; para o crente, ela é a libertação dos males terrestres. O primeiro pede toda a vida que ela pode lhe dar, pois ele crê que a morte é o fim, enquanto que o segundo orientará sua existência para o momento da passagem para uma outra vida.

Não pretendo esgotar neste trabalho, essa questão de tão grande importância; mas nas linhas que seguem, ensaio expor como a morte, nas suas diferentes manifestações sendo considerada pelos sábios da Antigüidade; como segundo os vestígios da tradição, nós podemos reconstituir a doutrina da vida-morte-vida e do momento da passagem tão temida pelo homem.

Percebemos que os ensinamentos antigos não contradizem aqueles do Cristianismo em suas grandes linhas. Por outro lado, dão um fundamento sólido as hipóteses da ciência contemporânea que reconhece a eternidade da matéria.

Contudo, para abordar a questão da morte, vamos primeiro à questão da vida segundo os sábios da Antigüidade.

## **2. O HOMEM VIVO**

Para compreender a constituição do homem, é preciso ter uma idéia da construção do Universo que é o Corpo de Deus.

O homem foi criado à imagem de Deus, diz as Escrituras. "O homem é a medida de toda coisa". Podemos julgar o microcosmo - homem pelo macrocosmo-universo, pois o que está no alto é como o que está em baixo.

A ciência contemporânea, em suas descobertas sucessivas, se deu conta que as mesmas leis regem o infinitamente grande – a vida dos astros – assim como o infinitamente pequeno – como os elétrons – e, deste fato, ela verifica o que tinha sido anunciado a alguns milhares de anos pelos sábios do Egito, da Índia e, antes deles, da Atlântida. Os estudos dos ritmos do corpo humano conduzem aos mesmos números daqueles que regem o movimento dos mundos.

Parece, portanto racional que para resolver o problema da vida do homem, devemos estudar o Universo. A lenda da criação que nos é fornecida pela Bíblia se encontra nas Escrituras Egípcias, Assírias, Hindus, Tibetanas, etc... Diferindo somente em alguns detalhes, que dá prova de uma fonte comum, daquilo que foi revelado aos primeiros homens.

Segundo esta lenda, o primeiro ato do Criador foi o desdobramento da Unidade, a criação de dois pólos opostos.

Na Bíblia é dito: "No princípio, Deus criou o céu e a terra". Aqui não se trata da terra e do céu, no sentido próprio da palavra, pois sua criação é descrita muito mais tarde, mas da criação de dois princípios opostos: evolutivo e involutivo. Na lenda egípcia concernente à mesma questão, o deus Atoum diz a si mesmo: "Venham para mim", e cria assim o primeiro desdobramento, a força de atração e de repulsão.

Ressalta na Bíblia que a obra inicial da Divindade consiste na oposição de um princípio a outro: luz-trevas, água-terra, etc... Estas oposições são expressas na tradição egípcia como desdobramentos consecutivos da Unidade Suprema. Atoum diz: "Eu sou um e me torno dois, eu sou dois e me torno quatro, eu sou quatro e me torno oito, mas eu sou um" – inscrição sobre um sarcófago da XX dinastia – o princípio da unidade primordial. As forças opostas, nascidas dos desdobramentos, para

poder agir com sucesso devem se equilibrar; logo, o princípio do binário-desdobramento, conduz necessariamente ao do ternário-equilíbrio (positivo-negativo-equilíbrio).

Assim, o ternário deriva da Unidade que é a Unidade mesmo, é a pedra angular de toda a criação, o equilíbrio sem o qual tudo se desmoronaria em um caos completo.

Deste ponto de vista, nós compreendemos que todas as religiões explicam, assim como a religião cristã – Trindade – tendo o ternário como base de seu ensinamento.

O desdobramento da unidade até oito, nos dá a cifra nove (1+8) que é a cifra suprema da criação, ponto culminante – Adão – após o qual vem o retorno à Unidade.

Os Sephiroths – números – da Cabala hebraica que não são mais que uma outra forma de expressão da mesma idéia. Os três primeiros exprimem o primeiro desdobramento da Unidade com seu ponto de equilíbrio; os seis seguintes, ditos de "construção" exprimem a criação do Universo em seis dias simbólicos; e a décima – Malkut – é o retorno para A Unidade "... mas eu sou um".

Portanto, o princípio dos três estando assentados, a lenda explica a criação do elemento mãe de toda criação física: a água.

A ciência contemporânea reconhece que a água entra na composição de todos os elementos; mas a água não é mais que um elemento morto e malgrado sua passividade ela realiza um movimento eterno de evaporação e de condensação indispensável a vida terrestre. Isto é expresso pela separação das "águas do alto, das águas de baixo". Este circuito que se realiza materialmente é ao mesmo tempo o símbolo dos processos de troca em todos os corpos vivos: a circulação do sangue no animal e da seiva no vegetal.

Enfim, a água provê a terra, isto é os elementos condensados – sais – que servirão para criar a constituição óssea do corpo físico.

O que precede, trata da criação da natureza dita morta ou dos elementos químicos necessários a manifestação da vida.

Esta base física constituída vem à criação da vida vegetativa ou da natureza, que corresponde no homem à célula viva. Do mesmo modo que os vegetais, que pertencem a diferentes espécies, portando cada uma sua semente "segundo sua espécie", as células se reproduzem "segundo seu gênero". Convém aqui ressaltar a continuação da mesma lei de desdobramento que é a do desenvolvimento da vida da célula.

Como no macrocosmo, a vida, no reino vegetal, não é individualizada, mas coletiva "segundo a espécie" no homem, o trabalho de ordem inferior que realiza a assimilação, o crescimento das células – vida vegetativa – não é controlada pela razão e o livre arbítrio, é o domínio do Nephesh, segundo o ensinamento da Cabala, a alma inferior governa as funções fisiológicas. A criação produz em seguida o animal no qual a vida se individualiza em um ser determinado munido de um aparelho instintivo transformando as emoções em atos. É a alma vivente da Gênese, o Rouach da Cabala: a alma propriamente dita, que recebendo as impressões sensuais, as transmite ao centro raciocinador pelo sistema nervoso e que, de um outro lado, recebe as ordens deste centro para transformar em atos estas mesmas impressões julgadas razoáveis. Certos atos podem ser assim impulsivos e revelar somente o Rouach; neste caso, eles não são mais que os reflexos análogos aos dos animais privados de razão.



Vale dizer que na natureza, não existe demarcação bem definida entre uma planta muito evoluída e um verme da terra. A escala evolutiva apresenta inumeráveis graus indo, do protoplasma, até ao cão ou ao macaco possuindo um raciocínio quase humano.

Todas as formas vitais se encadeiam, se desenvolvem, complicam-se mais e mais para chegar enfim, ao ser cujo instinto está desenvolvido, a alma vivente, prestes a receber o sopro Divino. Assim, chegamos ao apogeu da criação do sexto dia onde paira sobre a terra o espírito encarnado: o homem. O qual possui todos os elementos anteriores a sua constituição, contudo ele é distinto de toda criação antes de tudo por seu espírito que os cabalistas denominam Nechamah. Ele reafirma em si todas as potências naturais: equilíbrio das forças, água, sais, princípio vegetativo, princípio animal. Ele realiza uma síntese que liga a criação do qual ela deriva, mas que domina e governa por seu livre arbítrio. Em uma palavra, ele é o rei do Universo.

Nele se completa o ciclo da obra de Deus – o Um se desdobra definitivamente em oito – para criar a cifra culminante. Assim, o nome dado pela gênese ao homem universal: Adam – em hebreu cada letra, além de seu valor fonético, possui um valor numeral; as palavras podem ser consideradas como as somas aritméticas; assim o nome de Adam dá a soma nove – corresponde integralmente a este ser completo criado à imagem do Princípio Supremo. A alma divina compreende as forças do Universo e a natureza visível representa seu corpo. Da mesma forma, o homem é identicamente composto de três elementos; espírito, centelha divina; alma princípio animal; corpo princípio vegetativo.

Após a concepção, a criança passa por todas as fases sucessivas da criação. Em nove meses, de um protoplasma onde se reúnem e se equilibram os dois princípios opostos, ele se transforma em animal desenvolvido apto a receber, com a primeira inspiração, o "Sopro Divino" que dele fará um Adam.

Os elementos que compõem seu corpo provêm de substâncias extraídas de alimentos e o ligam ao reino vegetal. Os elementos componentes de sua alma são elaborados pela alma vivente – consequência da evolução animal – que prepara o vaso disposto ao recebimento do Espírito Divino. Darwin, em seu sistema tinha parcialmente razão ao aparentar o homem ao animal, mas ele não compreendeu que este parentesco concernia apenas a sua parte inferior, a alma instintiva. Ele não via que o homem diferia totalmente do animal mais evoluído. Com efeito, aquele ser de transição incompleta, não apresenta mais que dois elementos, o da alma e o do corpo; sendo que o homem, ser completo e definitivo, se compõe como seu protótipo – o Criador – de três elementos: espírito, alma e corpo.

Poderíamos mesmo afirmar que o ancestral do homem é a planta, o que seria verdadeiro pela parte vegetativa, sem a qual não poderíamos conceber um ser completo formado de três elementos. O homem é aparentado à toda natureza, da qual ele deriva, mas ele está acima dela pois que, eu o repito, ele traz em si a centelha Divina individualizada cuja missão é a de modificar esta natureza para a conduzir ao progresso predestinado.

Do que precede, vemos que o homem apresenta três elementos diferentes que formam nele três centros distintos. Cada um destes centros vive em sua esfera, todavia está ligado aos outros dois, para realizar um ser completo. É graças a esta ligação que se produz a troca das correntes polarizadas. Eu me explico. O Nephesh que entra em contato com o mundo físico pelos sentidos, que assimila o alimento necessário às diversas células do corpo, transmite suas impressões ao centro de Rouach que as transforma em emoções assimiláveis para Nechamah. Que tira as conclusões e decide os atos a realizar. Estas idéias são por sua vez, transmitidas ao centro de Rouach para serem traduzidas em impulsos provocando os atos exteriores regidos por Nephesh.

A vida do homem representa portanto, o equilíbrio perfeito dos três elementos que o compõem, e um acordo entre as correntes mutáveis formando ligação entre os três planos humanos.

Uma doença é o produto do desequilíbrio dos elementos constitutivos e da perturbação proveniente das correntes evolutivas e involutivas.

Enfim, a morte se produz seja por causa do desgaste corporal, velhice, ou de uma ruptura súbita de um dos laços: doença, morte prematura.

Estes diferentes casos vão ser objeto dos capítulos seguintes:

### **3. A MORTE SEGUNDO OS ENSINAMENTOS ANTIGOS**

Heródoto dizia que os egípcios foram os primeiros a ensinar a imortalidade da alma.

Eles pertencem, é verdade, aos primeiros povos conhecidos do mundo histórico, todavia, podemos supor com razão que este dogma lhe foi legado por um ensinamento que precedeu ao seu. Encontramos esta mesma crença entre os hindus, tibetanos, assírios, chineses. Em suma, todas as religiões antigas estavam baseadas sobre esta doutrina, sem a qual a idéia religiosa é um contra-senso. O culto dos ancestrais de todas as raças está baseado na idéia da vida *post mortem*. Encontramos esta idéia nas tribos selvagens da África como entre os peles-vermelhas da América. Assim, podemos afirmar que o homem de todos os tempos crê numa existência diferente daqui deste mundo, uma vida eterna. Apesar disso, certas religiões ensinam que após a morte e a destruição do corpo físico, a alma continua a viver, mas sendo composta de três elementos volta ao plano ao qual ela pertence para aí viver eternamente. Nestas condições, a individualidade que está presente no homem encarnado se perde como o corpo que se decompõe no solo, após a morte, em seus elementos constitutivos.

Os egípcios, pelo contrário, afirmavam que a individualidade subsiste, que as três partes componentes do ser completo, ainda que separadas pela morte, procuram se reunir de novo, e que após um certo tempo, como após um sono de algumas horas, sobrevem o despertar que é a ressurreição, e por esta razão que eles se esforçam por conservar os despojos do morto a fim de que ele possa reencontrar intacto no momento da ressurreição.

A lenda de Osíris, morto e ressuscitado, é, de qualquer modo, o protótipo da ressurreição de Cristo. Eles achavam, na eclosão quotidiana da semente morta e enterrada, a prova e o símbolo eterno de sua crença. Esta idéia existiu nos cultos posteriores.

Assim, por exemplo, a mortalha obrigatória simbolizaria a "pele da ressurreição" que serviria de vestimenta à alma ressuscitada. Deste ponto de vista a mortalha substitui a múmia, esta crisálida da qual libertará um dia a brilhante borboleta.

A semente – *sema* em grego – morte em aparência leva em si a vida da planta misteriosamente adormecida. Ora, *sema* é quase consonante a *soma*, que significa ataúde na mesma língua. E, relacionando estas duas palavras, compreendemos o que disse São Paulo: "Semeamos o corpo da alma e ressuscitamos o corpo do Espírito". Nos rituais fúnebres egípcios, o sacerdote oficiante, falando para a múmia, dizia: "Eu estou vivo, eu estou vivo".

A ressurreição do Cristo confirma o ensinamento que precede. Jesus queria provar não a vida do além túmulo, admitida por todas as religiões, mas a ressurreição, isto é, a sobrevivência da



individualidade, ao encontro dos ensinamentos das religiões orientais. O homem completo, após as provas da morte purificadora do corpo, deveria ressuscitar envolvido de um corpo luminoso "de ressurreição". Com efeito, as Escrituras nos relata que Jesus Cristo, após sua ressurreição, aparece a seus discípulos que assustaram-se, crendo que viam a um espírito. O Salvador lhes disse: "Não vos perturbeis, olhai-me, tocai-me e percebaís que um espírito não é de carne e nem de osso, enquanto que eu estou em carne e osso".

Por seu ensinamento o Cristo quis restabelecer a doutrina antiga, aquela que conheciam os egípcios, mas que depois, foi perdida. Por exemplo, os romanos que acreditavam em uma alma tripla, representavam a morte como a separação destas almas. O sopro "*spiritus*", segundo eles, subia para as regiões celestes; a sombra restante para a terra e errante rodeia o túmulo; a terceira, os "*manes*", descia aos infernos.

O ensinamento da Cabala apresenta duas correntes. A primeira conserva a antiga tradição vinda do Egito. Após a morte, sonho prolongado para o corpo e castigo para a alma que havia pecado durante a vida, vinha a ressurreição. Os elementos componentes do homem se reunido e, revestidos de um corpo purificado, entravam para a vida eterna.

As falsas interpretações levaram os Cabalistas a crer na separação definitiva dos elementos constitutivos do homem. Cada um desses elementos subsistiam as provas dentro do plano ao qual pertenciam. Esta doutrina falseia o ensinamento antigo e faz dizer ao Cristo: "Infelizes de vós, Fariseus".

Seja como for, a concepção cabalística para as fases da morte é a mais completa das que nos são apresentadas. Vou dar um breve resumo tendo em conta algum erro filosófico que me aplicarei em eliminar.

O Zohar distingue dois gêneros de morte. A primeira é dita do alto e "do interior para o exterior", e a outra de baixo ou do "exterior para o interior".

A primeira se produz quando o princípio animador Divino diminui ou suspende sua influência sobre Nechamah e, por conseqüência, a corrente involutiva que anima Nephesh para Rouach se extingue e Nephesh perde a possibilidade de vivificar a matéria.

A segunda é o resultado de um choque recebido pelo corpo ou uma avaria dos laços que unem os elementos formadores do homem. Neste caso, o equilíbrio das correntes evolutivas e involutivas é falho, os laços se afrouxam e o espírito abandona o corpo.

A Cabala afirma também que cada parte componente do homem ternário tem sua sede particular no corpo onde elas se estabelecem numa ordem determinada após a concepção. Nephesh aparece primeiro pois é ele que governa a vida vegetativa na matriz da mãe.

Rouach, que individualiza o sujeito formando a alma propriamente dita, se une ao corpo, segundo certos autores, no momento da separação da mãe e da criança. Nechamah que simboliza a razão, não toma posse de seu domínio: o *tlerkava* -literalmente "carro", o órgão ou o meio pelo qual se manifesta Nechamah no corpo humano - que vem pouco a pouco, para se estabelecer definitivamente na idade da razão. Sua sede simbólica é o cérebro cuja função é a "*mens*" - razão.

Outros autores afirmam que A entrada de Rouach se faz na matriz da mãe no momento onde a criança passa do reino vegetal ao reino animal. A entrada do sopro divino se faz no instante onde o ser nasce e dá seu primeiro grito. Contudo, o laço nascente de Nechamah é muito fraco e só se

reforça com o desenvolvimento psicológico da criança. A morte segue as mesmas etapas que as da união do ser, mas em sentido inverso. O Nechamah deixa o corpo primeiro, em geral antes do momento da morte visível. Ele deixa em seu "Fierkava" como um reflexo, pois, segundo o ensinamento de Asaran llaymaroth, o homem pode viver sem a presença de Nechamah. É o que se diz de um velho que está "morto em criança" quando ele está privado de sua razão, o que o diferencia do homem em pleno vigor.

Antes da morte aparente, Rouach recebe um elemento que é a parte inferior de Nechamah, e esta parte espiritual lhe permite ver o que está escondido a seus olhos materiais. Esta vista supranatural pode se estender muito longe no espaço e no tempo, o que lhe permite ver seus parentes afastados de si ou mesmo mortos há muito tempo.

Quando o momento crítico se aproxima, Rouach, antes de deixar o corpo, penetra em todas as partes do corpo, de onde as convulsões de agonia. Depois, a alma se refugia definitivamente no coração - Pleleck - para escapar aos ataques dos "Masikims", gênero de larvas que lançam sobre o corpo "como um gavião sobre uma pomba que se afasta de seu ninho".

A separação de Rouach do corpo é muito penosa, pois segundo o ensinamento de Ez-Ka-Haim, Rouach erra entre as regiões supremas (Nechamah) e a vida instintiva terrestre (Nephesh), oscilando de um ao outro.

O Talmud descreve 903 gêneros de mortes mais ou menos penosas. Aquela onde a passagem se faz com o mínimo de sofrimento é denominada "o beijo", e a mais penosa é aquela onde o agonizante sente como se lhe tirassem pela garganta uma corda felpuda.

Rouach parte, o homem parece morto, mas o Nephesh continua a existir no corpo onde certas funções vegetativas subsistem ainda muito tempo. Os cabelos e as unhas, por exemplo, crescem nos cadáveres. Quando exumaram Napoleão, constataram, que suas unhas cresceram post mortem, tendo furado o couro das botas.

Nephesh que entra primeiro no corpo, o abandona por último. Sua sede é no fígado. Mas Rouach tendo deixado o corpo, os Masikim tomam-no em possessão. Loria dizia que eles o "excedem em quinze côvados". Este ataque provoca a decomposição e força o Nephesh a partir por sua vez. Entretanto, ele permanece junto do corpo deplorando sua perda até a hora da completa desagregação. Isto explica os fantasmas que certas pessoas clarividentes percebem nos cemitérios ou outros lugares de sepulturas. Mas, com a separação de Nephesh, resta ainda na tumba uma entidade espiritual Habal-de-Garmin ou "o espírito dos ossos". É a parte inferior do Nephesh que forma o que chamamos o corpo luminoso da ressurreição. Segundo os Cabalistas, ele conserva a aparência e a forma do corpo e "dorme um sono doce" Lentos nos salmos que ele guarda em seu repouso uma vaga sensibilidade suscetível de ser perturbada. Era proibido, entre os hebreus, enterrar dois inimigos um ao lado do outro, assim como um santo homem perto de um bandido. D maior mal poderia ser causado pelas evocações dos mortos, onde a proibição expressa de Moisés.

É fato sabido que os componentes espirituais do homem sendo abandonados, cada um deles retorna ao plano ao qual pertencem. A ligação entre os elementos é contudo, conservada e a invocação do corpo etérico do defunto é ressentida por seu Nephesh, Rouach e Nechamah. Os três mundos aos quais pertencem esses últimos elementos e nos quais eles reentram respectivamente após a morte, se denominam Asiah, Yetzirah e Briah ou, também, o mundo físico, o das formações (astral) e o mundo espiritual. O homem físico não pode, pelos seus sentidos, mais do que perceber o mundo inferior (Asiah) e é neste mundo que fica "o espírito dos ossos", tudo estando invisível ao homem

normal. Hephesh reside igualmente nas regiões superiores deste mundo - Han-Eden ou jardim dos prazeres.

Rouach que constitui a alma, centro criador e individualizante, retorna após a morte ao mundo das formações (Ietzirah). Enfim Nechamah retorna a Briah, denominado "mundo do Trono Divino".

Como no homem vivo, estas partes componentes sendo todas de natureza diferentes, estão estreitamente ligadas. Uma troca contínua de correntes se efetua entre elas. Os mundos Asiah, Yetzirah e Efirah formam um só mundo: Atzilout e os elementos espirituais que aí residem, ainda que separados, constituem um só ser não tendo **abandonado sua individualidade** e prontos a revestir seu corpo luminoso no momento da ressurreição.

As trocas indispensáveis entre Nephesh, Rouach, Nechamah, separadas pela morte do homem, são asseguradas por seu Zelem.

Zelem, segundo a Cabala quer dizer: figura, hábito, graças aos quais vivem e agem as diferentes partes do ser. O Zohar diz: "A beleza do Zelem de um homem piedoso depende de suas boas ações que deixa sobre a terra". A Sephra Dzenuta: "é um pecado sujar os Zelem de Nephesh" e Lorio diz assim: "O homem piedoso tem os Zelem puros e claros e o pecador os tem turvados e escuros". Eis porque é dito que os fantasmas "circulam como no Zelem".

Estes Zelem permitem a alma e ao espírito do homem, não somente se comunicar entre si, mais ainda de se manifestar exteriormente.

Estes são os Zelem que constituem os laços dos quais nós temos falado no capítulo precedente e que asseguram as trocas entre as partes componentes da pessoa humana. Assim, as fases sucessivas da morte não afetam diretamente Nephesh, Rouach, Nechamah, mas indiretamente pelos Zelems respectivos, dizendo de outro modo por sua forma, se podemos empregar essa palavra.

O que aparece nas evocações dos mortos é, como nós dizemos anteriormente o Habal de Garmin - corpo luminoso - ou o Zelem de Nephesh formado de uma substância etérea do mundo de Asiah. Homero relata que Ulisses "viu Heracles, mas somente como um fantasma, pois este último estava com os deuses".

A Cabala ensina que as partes espirituais que tendo retomado, após a morte, seu lugar no mundo correspondente, devem passar por diferentes estágios de purificação antes de partir para o repouso eterno.

Assim cada mundo, além de seu paraíso (Han-Eden), possui seu purgatório (Nahar-di-Nour) e seu inferno (He-Hin-Noum). Este nome se aplica a uma localidade perto de Jerusalém onde outrora se faziam sacrifícios de crianças à Moloch.

Este ensinamento, como vemos, precede aquele da Igreja cristã ao qual responde.

Nas linhas que seguem nós vamos dar uma idéia das diferentes fases pelas quais passa um homem morto nos três casos característicos habituais.

#### **4. MORTE NATURAL**

O homem desde seu nascimento está predestinado. O que vale dizer que os elementos superiores (espírito e alma) se unem a parte inferior (corpo) por um tempo determinado - como veremos mais

adiante, ele age menos neste lugar do fator tempo que um conjunto de provas semeadas ao longo do caminho da vida antes que o homem realize a evolução indispensável - ao curso da qual o ser superior, que tinha transformado em atos seus pensamentos e sua vontade evolutiva, deve sofrer certas provas destinadas a afirmar sua personalidade moral.

Sobre estes dados são baseadas as possibilidades de prever o destino do homem e é por esta razão que a astrologia é uma ciência exata. Em observando as diferentes influências que se combinam ao nascimento, poderemos julgar a natureza e as contingências de uma vida humana. E não são as influências planetárias ou zodiacais que determinam o homem com seu cortejo de males e de infelicidade, mas ao contrário, o ser superior possuindo certas atitudes só podem nascer no momento propício a realização de sua tarefa, momento que ele mesmo escolheu e que é a consequência fatal dos erros cometidos em suas existências anteriores, é por esta razão que o homem nascendo com tais ou tais atitudes, tendo escolhido tais ou tais provas, só pode nascer a hora propícia para a realização de sua tarefa, isto é, quando as influências das forças da natureza se organizam para lhe dar a possibilidade de colocar em atos suas decisões.

O ser superior se reveste agora de um corpo material que leva em si as particularidades necessárias ao desenvolvimento de sua individualidade e, em germe, todas as doenças ou acidentes constituindo as provas aceitas por seu livre arbítrio.

Disse anteriormente que a vida do homem está predestinada. Isto não quer dizer que ele é livre da fatalidade. Ele deve ao contrário lutar contra os golpes da sorte e provar por ali que as decisões que ele tomou antes de seu nascimento tem um real valor. O inferno, disse Dante, está cheio de boas intenções...

"Eu quero", não deve ser o grito de uma criança caprichosa, porém, uma manifestação dinâmica se transformando em ato. E é deste ponto de vista que a vida terrestre é indispensável para permitir ao homem realizar sua decisão e, através de atos, manifestar sua vontade.

Dizer que a vida do homem está predestinada, isto significa também que as grandes dores e as grandes alegrias que formam a trama de seu destino e provam seu valor real, tendo sido escolhido por ele e constituem como balizas de sua existência. Um passo em falso, uma fraqueza provocam a ruína deste edifício e o homem escorrega sobre um declive escarpado que o reconduz, após a morte, em uma situação talvez mais desgraçada que antes de seu nascimento.

O livre arbítrio que continua a se manifestar durante a encarnação difere daquela que age após a morte, isto é, daquele que se manifesta entre as existências sucessivas.

Em seu último domínio, o homem racional; nenhum obstáculo se eleva entre ele e seu espírito, ele compreende sua missão, decide-se a cumprir sua tarefa aqui neste mundo, pois ela lhe tarda em ganhar as regiões superiores "onde não tem doença, nem dor, nem suspiro". Sobre a terra, a razão é obscurecida pelo desejo, a vontade é influenciada pela serpente tentadora, os instintos, os prazeres corporais.

Deste ponto de vista, compreendemos que a duração da vida não pode se medir por um número determinado de anos, porém pelas provas a sofrer e os atos a cumprir. Assim, alguém pode acabar sua vida predestinada em um pequeno número de anos após os quais deixa seu invólucro corporal, enquanto que um outro pode alcançar o mesmo alvo em um lapso de tempo mais longo, tias, nos dois casos, a hora da morte não será a consequência de uma doença ou de um acidente; ela será marcada pelo desgaste natural dos laços que reúnem o homem ternário.

Aquele que nasce leva em si o germe da morte e cada batimento do coração o aproxima dela.

Como vimos acima, a primeira parte da vida de um homem é aquela onde sua parte superior começa a tomar posse de seu invólucro e a desenvolver suas características individuais. Não podemos precisar o momento onde o espírito se instala definitivamente no ser. A tradição fixa esta reunião por volta da meia idade. Esta crença, entre todos os povos de nível, tem determinado, o ponto de vista do código legislativo, a responsabilidade total diante da lei para o homem maior. Pelo contrário, a criança age sob um impulso qualquer e não pode ser dado como responsável por seus atos.

Na meia-idade, o desenvolvimento completo da parte física está cumprido. Nephesh recebe menos fluídos nutritivos, as correntes evolutivas e involutivas se equilibram em Rouach, que sofre as diretivas imperiosas de Nechamah e as transforma em atos razoáveis que formam a trama da vida moral. Temos dito que cada um é o forjador de sua própria sorte: isto é exato, pois a sorte é a realização das decisões tomadas pelo ser superior no estado de pré-nascimento. A sorte não reside na fortuna ou nos prazeres sensuais. Esta aparência de bem estar absoluto que tanta gente inveja e que é objeto das doutrinas materialistas, é um mal para o ser eterno. Ele forma novas cadeias que retardam o homem em sua evolução e das quais deverá se libertar nas existências seguintes. Após ter-se orientado sobre as marcas da vida, até o fim marcado pelo destino, o espírito é libertado do invólucro físico e retorna à esfera que lhe é própria.

Eis porque podemos afirmar que a morte se produz muito lentamente pois o espírito se libera pouco a pouco da matéria que o aprisiona. Consideramos a morte como natural se ela ocorre no curso da velhice, isto é, que o homem tendo desenvolvido todas as suas faculdades espirituais e cumprido seu destino, passe para as mesmas fases que as do começo de sua existência. O velho atravessa de novo a infância para tornar-se um ser que leva uma vida quase unicamente animal ou mesmo vegetativa.

É penoso para os parentes verem que um homem, outrora pleno de espírito e vigor diminuir cada dia ao ponto de não se interessar nem pela questão alimentar. Ele nem se reanima no momento da refeição e dormita o resto do tempo.

A Cabala denomina este gênero de morte, a morte do alto. O laço que unia Nechamah à Rouach se enfraquece, a corrente involutiva diminui para cessar totalmente, e o equilíbrio das duas correntes formadas em Rouach se altera. A corrente evolutiva animal predomina e o ser ternário torna-se assim um ser binário para voltar a ser único e terminar sua existência no mesmo tempo que seu ciclo predestinou.

Os rejuvenescimentos preconizados pela medicina atuais não podem evitar a morte do homem. Todos os enxertos (sistemas Voronoff) ou as injeções (sistema l'ietchnikoff) não tem outro objetivo que o de reforçar a parte animal do homem aumentando as forças inferiores de Nephesh, mas n3t'o podendo impedir o fim.

O famoso inglês que fez o sucesso Voronoff, ganha em consequência de um enxerto um vigor insuspeitável mas torna à brutalidade. A bestialidade está escrita sobre sua face rejuvenescida e renovada, foi acompanhada de uma sensualidade inferior. O rejuvenescimento seria primeiro possível no animal, ser binário privado do sopro divino no homem é uma falibilidade.

A vida animal pode ser prolongada, mas ela não servirá em nada à evolução espiritual; ao contrário, ela lhe será nociva, pois o instinto animal terá sido reforçado, o ser sofrerá as consequências no futuro.

"O homo sapiens" deve ocupar seu papel aqui em baixo lutando contra as provas predestinadas, mas, tendo cumprido sua tarefa, prova por seus atos a firmeza de suas intenções, ele deve morrer à hora determinada e não procurar se agarrar à vida animal.

O pecado original, encarado filosoficamente, não é outra coisa que a escravidão do Espírito Divino aos instintos materiais. A serpente simbólica da Gênese, o Na-hasch, não é mais que a egrégora dos instintos que seduzem a fêmea simbólica do homem: sua vontade (Aischa) que, por sua vez, arrebatou o homem simbólico: a razão (Aish). E eles têm medo de seu Criador, pois eles não cumpriram sua missão.

Assim, o homem tendo chegado ao fim do termo imposto, deve se curvar diante da lei criadora, feliz pela partida que seguirá as suas decisões transformadas em atos.

Feliz daquele que, após uma existência movimentada, plena de atribulações, chega ao repouso final e pode dizer como o velho monge do drama de Pouchkine: "Eu cumpri o dever que me foi legado por Deus".

Nós choramos a partida de um ser querido, quando nós deveríamos nos alegrar de o saber livre das penas que ele suportou com resignação e chegou ao responso eterno.

Se, no além, as entidades que amando uma alma assistindo ao seu nascimento, elas devem experimentar uma dor mais viva que a nossa em face da morte, pois elas sabem que essa alma descendo voluntariamente para as provas de toda natureza, susceptíveis de a fazer falir em suas decisões. Poderia ela suportar o que a espera? Como ficaria ela diante das seduções da carne?

Quando vejo desaparecer um homem que eu amava e cuja lembrança é isenta de toda censura, abaixo a cabeça diante o grande mistério dizendo para mim mesmo: "Tu atingistes o fim, ganhastes o repouso, tu soubestes manter o que era o objeto da fé. A paz esteja contigo".

A morte total enfim sobreveio, isto é, quando os laços que uniam as três partes do ser se afrouxaram completamente, a alma, liberta do corpo com o qual ela não tem mais que um débil laço, vagueia em redor dos lugares onde ela habitava. A alma de um homem atado a matéria chorando sua perda não podendo mais satisfazer seus prazeres terrestres. Ela se conserva não longe do corpo que ela abandonou ou aos lugares onde desenvolveu uma existência plena de prazeres. Ela prova as torturas da fome e da sede, ela sofre as crises de sensualidade sem as poder satisfazer. Essa alma está de tal modo grosseira e pesada, os fluidos que a constituem são densos, que ela é bastante fácil, para o procedimentos conhecidos dos mágicos, de a fazerem aparecer. As evocações freqüentemente citadas nas escrituras dos povos antigos concernentes a essa categoria de almas. Ele vai sem dizer que uma evocação desse gênero não é de nenhuma utilidade para os vivos e nem pode ser nocivo para a alma em questão. É por esta razão que Moisés proibia severamente a evocação dos mortos.

Ao contrário, uma alma de ordem elevada, tendo cumprido sua missão se» ter cedido as seduções da carne, está impaciente de se desembaraçar dos laços vitais que a impedem de se lançar para as regiões superiores. Ela passa uma rápida inspeção nos lugares onde viveu, vê os que lhe são caros e lastima de não ter feito melhor no cumprimento de uma tarefa que ela havia se esforçado para conduzir bem.

## **5. MORTE, COMO RESULTADO DA DOENÇA**

Para compreender a diferença que existe entre a morte de velhice - deteriorização da parte inferior do homem - ponto terminal do ciclo de vida predestinado ao homem, e a morte proveniente de uma



doença qualquer, onde é convidado a se dar conta do que é a doença. A doença, para a ciência oficial, provoca igualmente a morte natural, o que não é exato. Dou, mais abaixo, um breve resumo dessa questão tratada longamente no meu "Cura Mágica no Século XX".

Uma doença é um desequilíbrio que se produz no ternário humano.

Existe as doenças inseparáveis da velhice cuja deteriorização do organismo é a origem, ou melhor, uma deficiência da corrente animadora involutiva. A morte que sobrevem na seqüência de uma doença desse gênero não é, malgrado as aparências, causada por esta última. Uma semelhante doença é só um sintoma de um fim predestinado cuja hora soou, e esse gênero de morte entra na classificação enunciada ao curso do capítulo precedente.

A maior parte das doenças são provocadas por um envenenamento do corpo físico ou do corpo astral. Segundo a Cabala, a morte que em resultado é a que "dirige debaixo" pois o ataque se produz, seja sobre o Nephesh (envenenamento do corpo) seja sobre Rouach (perturbação do centro equilibrante). Podemos mesmo afirmar que bem pouco das doenças tem sua causa principal na parte inferior. A origem do mal esta ordinariamente no centro de equilíbrio - Rouach - ou nos laços que o unem ao Nephesh. O espírito da doença, se podemos empregar essa expressão, age no mundo astral e atinge, por este fato, o centro equilibrante das forças, mas se objetiva na parte física do sujeito por um envenenamento. Esta consideração permite compreender a razão dos tratamentos magnéticos ou por sugestão que, agem sobre a parte equilibrante, aliviando ou curando a afecção corporal.

A homeopatia, que pela divisão infinita dos produtos medicamentosos, trata, no fundo pela alma e não pelo corpo dos remédios, age de fato no mundo das forças. Ela obtém mais freqüentemente as curas mais eficazes que as experimentadas pelos métodos alopáticos preconizando o corpo químico e a dose maciça do medicamento.

O homem nasce com tal ou tal disposição patológica., nós temos dito, é seu Karma: a prova que deve sofrer. Ao mesmo tempo, ele deve percorrer um ciclo vital determinado. Se sucumbe de uma doença antes de ter cumprido esse ciclo, é a matéria à contradição? Não. Estudemos um caso. Um homem que nasce para cumprir uma missão terrestre deve sofrer certas provas morais ou físicas que deve procurar vencer para cumprir as funções que lhe estão destinadas. Todavia uma doença, como um acontecimento qualquer, pode determinar uma manifestação fatal e o fazer sucumbir. Isto prova simplesmente que a força espiritual emanada de seu Nechamah e transformado em atos por seu Rouach, a submete diante da prova. Sua força consciente, transformada no centro equilibrante em força subconsciente carrega as funções fisiológicas, se enfraquece e permite a doença de vencer. Assim, para curar, devemos antes de tudo ter a vontade de vencer o mal. O provérbio latino "mens sana in corpore sano" deveria ser invertido. Poderíamos dizer que estar bem de saúde é, portanto, de jamais ceder diante do mal.

As "Ciências Cristãs" que curam pela oração não são assim ridículas como dizem.

Se a força do homem se curva diante de uma doença ou uma prova, um outro pode lhe vir em auxílio lhe transmitindo uma parte de seu dinamismo para restabelecer o equilíbrio destruído. Ele pode igualmente trazer um reconforto nas forças naturais, se as sabe empregar, é o objeto da ciência curativa ou da medicina. Os tratamentos magnéticos ou hipnóticos são baseados sobre a lei que precede. Citando o caso onde havia sugerido a um homem saudável que ele estava com uma doença mortal. Citei um exemplo conhecido. Um prisioneiro condenado a morte foi obrigado a se deitar na cama, onde lhe disseram, que havia morrido de tifo um outro prisioneiro. A cama e seus pertences eram isentos de qualquer germe. Essa sugestão fez seu efeito, o indivíduo apresenta em breve todos

os sintomas do tifo e morre. Essa experiência foi feita com um fito puramente científico. O mal se desenvolve com todos os sintomas característicos.

O contrário também ocorre e uma cura pode ser obtida por sugestão. A maior parte dos "milagres" podem ser assim explicados. Não nego a possibilidade do milagre: o doente tira freqüentemente em sua fé as forças que lhe faltam para restabelecer o equilíbrio de sua saúde.

As correntes emanadas por seu Nechamah, aumenta as forças condensadas em objeto ou um lugar sagrado, combatendo o mal e terminando por triunfar.

Assim, devemos sempre aconselhar ao doente de jamais se desencorajar e se deixar abater pelo mal. O bom médico deve sempre fazer esperar ao paciente uma pronta convalescência.

Nesta exposição, examinamos as fases da morte, seguida de doença, e as impressões que resultam para a alma. Não podendo terminar o ciclo predestinado, o espírito não está pronto para partir e se esforça para se prender ao elemento físico. De onde sofrimentos, angústias, agonias mais ou menos marcadas. O espírito tenta prolongar a situação, mas o equilíbrio de permuta das correntes estão rompidos, seus esforços são vãos e lhe faz falta um reforço exterior.

O espírito da doença que tem seu assento no centro do equilíbrio, detém a troca normal das correntes e a parte inferior do homem não recebendo mais o fluido vital de Nechamah se infecta. A medicina atual tem provado que o homem leva em si os germes de todas as doenças. Enquanto a permuta dos fluidos polarizados se faz normalmente, o homem está em estado de saúde e estes germes, paralisados pela corrente involutiva vivificante, não podem se desenvolver. Mas é suficiente que, esta última reencontre um obstáculo para que o mal se desenvolva e comece seu trabalho destrutivo.

Se examinamos a aura de um doente, a vemos turvada e como envolvida de cerração. A fotografia das mãos revela as perturbações nas correntes magnéticas, que no estado habitual entre os homens sadios, apresentam as linhas luminosas seguindo a direção dos dedos e desabrochando-se em descargas radiantes. Em lugar de formar as radiações regulares, as correntes do doente se desabrocham em turbilhões irregulares.

Se estão exteriorizando um doente, veremos que o laço luminoso que unia o duplo ao corpo não é tão brilhante como no sujeito saudável onde o câmbio das correntes é constante e regular entre os elementos do ternário. No sofrimento, está embaçado para tornar-se ao aproximar-se a morte quase invisível de tal modo que torna-se uma sombra.

Enfim o mal venceu, o corpo envenenado torna-se presa da decomposição, e o ser superior é forçado a deixá-lo.

Aqui começa suas torturas. O véu que cobria sua razão durante sua vida, cai. Compreende claramente o que sentia de uma maneira vaga estando encarnado. Vê o esforço volitivo que havia conhecido antes de seu nascimento estando muito fraco para se realizar em atos e lhe permitir transpor a existência em transportando sobre seu caminho todos os obstáculos e todas as tentações.

Ele chora sua perda, querendo a todo preço recomeçar a luta. Mas a lei é inflexível, a cortina cai e o ator que, alguns minutos mais cedo, encarnava um rei não é mais, ingressa nos bastidores e privado de seu adorno, como um vulgar comediante. Os que o aplaudiram-no, aí nem tem um instante, o olham agora com desdém. Seu papel está terminado.

A alma sofre por não ter cumprido seu destino e fica ligada ao cadáver até que a hora fixada para sua desencarnação.

No capítulo seguinte nós nos estenderemos sobre esta questão, pois, nos casos de morte violenta, os sofrimentos são do mesmo gênero, mas ainda mais marcados.

Terminando, diremos que para diminuir os sofrimentos da alma, nós devemos de nós mesmos combater uma doença. Igualmente a medicina, na antigüidade, era considerada como uma ciência sagrada. Pias, para socorrer o paciente e que a ajuda dada seja eficaz, devemos levar em conta que não é só do corpo que tratamos. O corpo é o que reflete a alma, e, se isso reflete desvio, perturbação, é que a alma tem necessidade de ser cuidada.

## **6. MORTE VIOLENTA**

A morte que resulta de um homicídio ou de um suicídio, é igualmente, segundo a Cabala, uma morte "vil". O corpo físico é destruído, ou colocado em um estado tal que os elementos superiores não tem mais ação sobre ele para poder conservar os laços que formam o ser ternário completo.

A morte sobrevem instantaneamente se é o cérebro ou o coração que são destruídos. Dizemos que o primeiro desses órgãos, segundo o ensinamento tradicional, é a sede simbólica de Nechamah e o segundo é a sede de Rouach.

O que é o cérebro? É o aparelho físico que manifesta a razão. Deste ponto de vista, a corrente emanada de Nechamah é intensamente manifestada pelo cérebro. Não quero dizer que Nechamah age imediatamente sobre o organismo, cuja vida vegetativa é, como todas as partes do corpo, guiada por Nephesh.

Este canaliza em seguida o pensamento que, por seu turno, atua sobre os centros governando os atos. Inversamente, todos os centros nervosos sensitivos estão reunidos no cérebro e transmitem à razão as impressões recebidas do exterior.

Podemos comparar o cérebro ao posto de combate onde se tem o comandante de um couraçado e de onde ele dirige o fogo e a marcha do navio. De lá ele recebe as informações e as comunicações do pessoal dos diferentes postos. Como o comandante não é o órgão de controle do navio, mas a razão mestra que o dirige, paralelamente Nechamah é o ser superior que se manifesta misteriosamente pela matéria cerebral.

O centro de controle sendo destruído sobre o navio, o comandante não tem mais a possibilidade de fazer irradiar sua autoridade. Igualmente nos homens, o cérebro sendo destruído, Nechamah não pode mais manifestar seu controle e o homem ternário não saberia mais existir. O processo da morte se desenvolve mais rapidamente que nos casos precedentes, pois o equilíbrio que forma o homem normal é alterado. O Nephesh continua ainda a se prender ao corpo, mas seus esforços se traduzem por alguma débil manifestação de ordem vegetativa.

A função de Rouach - centro equilibrante - extingui-se pois, o equilíbrio é rompido seguido pela saída do espírito. Todavia, os laços que uniam Rouach e Nephesh ao corpo são ainda sólidos pois que não existe nenhuma deteriorização e que o ciclo de vida não está terminado. Desse ponto de vista, podemos nos dar conta dos sofrimentos da alma que, obrigada a deixar o corpo sem ter cumprido seu destino, está ainda plena de vida. Falaremos mais adiante sobre esta questão. Veremos agora o que acontece se é o coração que é destruído.

Como sabemos, este órgão é o centro do equilíbrio. É o rei, o "Meleck", que ocupa o lugar mediano entre o cérebro e o fígado, é por ele que se produz a corrente sanguínea, a troca contínua cujo teatro é o organismo. Temos visto que esta parte do homem é regida, segundo a tradição, pela letra Aleph e no macrocosmo corresponde ao ar. Sem este último, nenhuma existência seria possível sobre a terra, tal qual entre os homens a vida sem a circulação sanguínea não seria conhecida. A medicina constata a morte segundo o estado do coração: quanto mais batimentos mais vida. No macrocosmo, o ar é encarado não como fenômeno vital mas como um meio; daí a analogia entre o homem onde os batimentos do coração não podem ser qualificados de causa, mas de simples manifestação da vida.

Enquanto o coração bate, o homem existe e as três partes que o compõem estão presentes. O órgão destruído, a morte sobrevem pois o centro equilibrante, o laço que unem os pólos opostos do ser, é suprimido e o ternário cessa de existir.

As coisas se passam como para o cérebro: o coração, formado de substâncias materiais, é dirigido em seu domínio fisiológico por Nephesh, mas em qualidade de centro equilibrante do corpo, está unido diretamente ao Rouach, parte equilibrante do ser ternário. Nestas condições, o coração aniquilado, o centro equilibrante do ser não atua mais e os dois elementos opostos devem se separar. Como no caso precedente, o Nephesh exerce seu controle durante certo tempo ainda sobre a parte inferior do homem sem poder o reanimar. A decomposição o caça por sua vez.

Enfim, o terceiro centro, este que os antigos consideravam como a residência de Nephesh, está no fígado. Dizemos que a destruição ou mesmo uma ferida séria desse órgão não provoca a morte súbita, como nos casos do coração e do cérebro, mas contudo o fim sobrevem, mais lentamente pode ser, pois o fígado é indispensável ao funcionamento da máquina corporal. Isso se compreende facilmente. Nós temos visto precedentemente que o ataque do corpo físico por doença ou ferimento pode ser ilustrado pelas forças espirituais. Mas se esse ataque tem lugar sobre o órgão principal, como o fígado, para a ajuda do qual o Nephesh governa a vida vegetativa do corpo, o desequilíbrio se produz fatalmente e provoca a morte se o fígado se acha fora do estado funcional. O câmbio das correntes evolutivas e involutivas se detém. A corrente involutiva emanada de Neshamah, não pode se transformar em corrente ativa útil, nem receber em troca de Nephesh a corrente evolutiva indispensável. Isso se produz como uma espécie de curto circuito e o ser ternário é queimado como um dínamo. A vida, cortada mais ou menos rapidamente pela destruição desses centros corporais, coloca a alma na obrigação de deixar sua morada, como nos casos precedentes, antes de terminar sua missão. Existe todavia uma diferença marcante no estado da alma, que depende do modo que se produziu a morte violenta, se isto é a consequência de um suicídio, de um assassinato, de um acidente ou de ato de heroísmo. Examinemos estas diversas situações.

O suicídio é considerado por certas religiões como uma falta muito grave. O homem que decide a se destruir mostra sua fraqueza em face das provas da vida. Ao invés de sofrer com resignação e fé as infortunas que ele mesmo havia fixado, ele subtraí-se diante delas e é indigno do papel que ele estava chamado a jogar. O suicídio não é um ato de coragem como pensam alguns, mas uma fuga e uma covardia. O homem que se dá a morte é comparável ao soldado que deserta diante do inimigo.

A alma do suicida, separada de seu corpo, se acha em um estado terrível. Ela se dá conta de seu ato e do futuro que ela se preparou. Ela compreende que embrenhou-se, sobre um mal caminho e isso fará entravar sua evolução. Buscando poupar-se das dores passageiras, ela está se carregando de cadeias materiais das quais ela só poderá se desembaraçar em outras existências, e que se acompanham de provas mais penosas ainda. O que lhe fará temperar sua vontade para não mais se curvar no curso das reencarnações futuras. É em vão que ela se esforça de voltar ao corpo que ela destruiu. Seus sofrimentos safo terríveis pois ela fica ligada ao cadáver no tempo e no espaço,

situação atroz para um desencarne. Esses laços são rompidos quando o ciclo que ela devia percorrer está findo. Somente então, ela entra no estado onde encontram-se as almas que tiveram cumprido sua existência terrestre.

Do que precede, podemos imaginar porque um lugar onde ocorreu um suicídio ou um homicídio é obsedado. Um sensitivo experimenta medo ou angústia suscitado pelos sofrimentos da alma atada a esse lugar e, em certas circunstâncias favoráveis, esta alma penada pode aparecer. Assim, se explica a possibilidade dos aparecimentos de fantasmas. O sustentáculo que os vivos dão aos mortos pelas suas preces não bastam a essa alma desgraçada. E mesmo a Igreja a priva de sua assistência pois, ela a tem por condenada pois, ela quis por si mesma sua perda.

Se trata de um homicídio, os sofrimentos que suporta a alma forçada a abandonar seu corpo e de interromper sua missão, são em parte os mesmos que os descritos acima. A alma fica ligada a sua parte inferior durante o tempo predestinado ao seu ciclo, com a diferença que ela não é a causadora de sua morte. Ela não é responsável por não cumprir o seu destino. Ela deplora sua perda, querendo voltar a seu antigo estado para terminar o ciclo da vida, mas ela não é perseguida pelo remorso. Seus sofrimentos desviaram-se muito do homicida que toma toda a responsabilidade de seu ato que a impede de progredir. A parte inferior de sua vítima se prende a ele e ele deverá arrastar esse cadáver no curso de sua existências futuras.

Em uma morte causada por um acidente, o livre arbítrio pode estar fora de causa, os sofrimentos são idênticos àqueles que resultam de um homicídio, fias o acidente é a consequência do Karma, a alma compreende porque ela foi vitimada. Anteriormente, ela não tinha escolha sobre a direção que devia lhe fazer evitar esse acidente. Afundando-se na matéria, ela não tem escutado a voz de seu espírito que a adverte do acontecimento fatal quê ela deverá sofrer por consequência de sua escolha. A compreensão e o pesar virão mais tarde e o faz expiar as faltas passadas. Resta a morte violenta que resulta de um ato de heroísmo. Se esse ato é consciente, o fim é nobre e o homem cumpri um dever de ordem mais elevada. Está dito nos Evangelhos "que alguém não pode manifestar «ais amor do que perdendo sua alma para seus amigos". Nessas condições, a alma não está presa por nada no tempo e no espaço e recebe a recompensa que responde a sua grandeza e a sua dedicação. Jesus doa-se em exemplo ao se sacrificar para o resgate da humanidade. Isso dito, esforcemo-nos por dar conta do estado da alma de um agonizante.

As limitações de ordem temporal eclipsam-se diante do espírito preste a deixar seu invólucro carnal. Ele vê os que ama próximo ou distante e estes desaparecem antes dele. Ele analisa suas ações passadas e lastima de não ter se comportado melhor.

É esse tipo de vista supranormal do agonizante que quiz reproduzir o grande pintor polonês Kasimir Stabrowsky, em seu quadro "A Morte". Os círculos luminosos que podemos ver sobre o fundo da composição representando os focos de luz onde a razão condensada do agonizante objetiva as cenas culminantes de sua vida passada. Essas imagens desfilam diante dele como um filme, indicando o tempo e parando sobre os pontos sensíveis onde seu livre arbítrio não pode guiar no caminho do progresso.

Feliz aquele que não tem nada a se censurar!

## **7. COMO OS VIVOS PODEM AJUDAR OS MORTOS**

Q título deste capítulo pode parecer estranho. Alguns imaginarão que se trata de socorro de ordem material destinada a prolongar a vida do agonizante alguns instantes. Não, a assistência em questão

é toda espiritual e vem de seus próximos que o ajudarão a transpor o passo final e aliviaram seus sofrimentos após a morte.

Aquele que tem vivido com a fé em Deus morre sem angústias. Ele se prepara segundo o ensinamento da Igreja, ele executa os ritos destinados a facilitar a liberação do ser superior. A morte, para um crente, não é uma surpresa pois ele se preparou toda sua vida para enfrentar esse momento supremo. Os exemplos que nos tem dado os Santos seria uma prova brilhante. Tenho dado alhures uma idéia da vida e da morte dos servos de Deus do "Mont- Athos", esse foco de luz cuja radiação espiritual remonta aos primeiros anos do cristianismo. O fim de um desses ascetas é edificante, ele mostra ao incrédulo que a vida não termina neste mundo e que a morte é a liberação desejada por um espírito evoluído. Mas nós, pobres pecadores presos aos gozos terrestres estamos longe de uma tal concepção. Que nos bastasse possuir a fé, de provar um arrependimento sincero para fazer a morte menos terrificante e a considerar não como um fim mas como um nascimento.

A morte é uma coisa espantosa para aquele que pensa que com o último suspiro tudo está consumado. A alma estufada de remorso, se engata a esta existência cheia de atrativos e de interesses, é por esse gênero de desgraçadas que escrevo estas linhas pois elas tem grande necessidade de serem socorridas.

O dever do crente que vê seu semelhante privado da consolação da fé aproximar-se do termo vital consiste em fazer o impossível para despertar nele a verdade e lhe fazer entender a voz de seu espírito para o qual ele estava surdo até este dia é o maior serviço a fazer para um agonizante.

Tive várias vezes a ocasião de assistir essas agonias onde este milagre se produziu.

A sorte me conduziu um dia a uma pequena aldeia perdida. Os camponeses que a habitavam estavam sendo frustrados, por reveses em seu trabalho. Os dois únicos sujeitos cultos eram o padre e um velho médico paraplético cujo fim estava próximo. Acompanhei a miúdo o padre à cabeceira da cama do pobre doente. Trocamos com ele idéias, pois ele era muito culto e havia conservado toda sua lucidez. Antes de ser médico, ele havia sido astrônomo e professor de ciências naturais. E possuía extensos conhecimentos nos diferentes ramos da ciência oficial. Todavia, em oposição da maior parte dos sábios contemporâneos, ele não via a vida humana sob o ângulo da teorias mais ou menos impostas mas ele era bastante eclético e pronto a aceitar as novas concepções convenientemente justificadas pelo razoamento. Ele era erudito e incrédulo. Para ele a vida terminava com a decomposição química do corpo. O padre armado do texto das Escrituras não conseguia lhe fazer admitir a vida do além túmulo e se batia em sutis contradições. É verdade que o eclesiástico pecava na envergadura filosófica.

Eu provocava as incursões no domínio da ciência oculta que lhe era desconhecida. Nós discutíamos magia, astrologia, etc. Deixando-o à tarde após as conversações animadas onde cada um guardava sua posição. No dia seguinte, continuávamos nossas controvérsias e meu interlocutor me dizia freqüentemente que a noite (ele dormia muito pouco) ele havia pensado longamente sobre o que lhe havia dito e finalmente ele adotava meus pontos de vista. Ele chegava mesmo a descobrir as provas científicas pondo em luz o ensinamento da antiga sabedoria, da qual ele verificava a justeza.

Dois meses se passaram assim durante os quais nós nos víamos diariamente, todo em perseguição de nos entreter. Eu via esse pensador, imbuído de materialismo, evoluir pouco a pouco ao ponto de tornar-se crente. Sua fé se apoiava sobre uma base científica sólida.

Seu estado piorava. Um dia onde ele sentia que ele ia morrer. Ele cumpria seus deveres de cristão com fervor pois que ele "sabia". E ele morreu em paz...



Mais tarde, eu tinha a certeza absoluta que, graças a nosso encontro, essa grande inteligência tinha conhecimentos que lhe faltavam durante sua vida e pode a sorte estabelecer o equilíbrio de sua evolução.

Vejam os outros casos cujos personagens me eram igualmente conhecidos.

Um inglês afetado por uma alteração do sangue se acha perto do vencimento fatal. Ele sofria horrivelmente. Os médicos lhe deram algumas horas de vida. Para o cúmulo do infortúnio, o desgraçado não era crente. A angústia e o medo da morte que, para ele, era o fim de tudo, aumentavam seus sofrimentos. Seu empregado doméstico, um cristão, vendo o estado lamentável de seu patrão, lhe disse que havia em sua paróquia um monge venerável que fazia milagres. "Queres que lhe peça para orar por vós? O inglês consentiu, pois ele estava disposto, como um homem que se entristece, para se prender a uma miséria.

O velho monge, informado da situação do doente ateu, se apieda desse homem. "Pobre alma, não podemos te deixar morrer assim". E ele se coloca em orações em seu quarto.

No dia seguinte de manhã, o médico, que acreditava encontrar morto seu cliente, fica estupefato ao constatar uma calma manifestada e o desaparecimento dos sintomas alarmantes.

O paciente morreu algum tempo depois, mas sem sofrimentos, em paz e na fé da misericórdia divina.

Numerosos são os exemplos desse gênero, mas basta citar os dois casos que precedem.

Assim, o primeiro dever com um agonizante é apelo a seus recursos intelectuais ou sentimentais.

O rito religioso tem igualmente uma grande importância pois ela está baseada, como todos os ritos, sobre a magia e, de fato, age diretamente sobre o centro de forças, da alma, facilitando sua libertação.

A crença popular que consiste em dizer que um homem que não tenha sido enterrado religiosamente frequenta o local de sua morte, tem fundamento, pois neste caso os laços não estando rompidos retêm a parte inferior da alma ao corpo e a fazendo sofrer.

Enfim, se por uma razão qualquer o enterro cristão não pode ter lugar, um iniciado pode vir em ajuda ao morto cortando, segundo um ritual mágico, os laços que encadeiam a alma.

Assim como temos visto no capítulo precedente, o processo da morte é muito longo o que é difícil de imaginar. Ele começa bem antes do momento considerado pelos assistentes, mas a vida dura ainda um tempo assaz longo depois do momento da morte aparente. Ela não deixa completamente o despojo físico, e os laços que uniam o ser «superior ao corpo se desatam progressivamente, ú por esta razão que um morto deve ser enterrado e não incinerado. A decomposição do corpo deve se fazer normalmente. "Tu és pó e deves retornar ao pó", diz a Igreja com razão. A esta condição só o espírito pode se desembaraçar de seus laços sem sofrimentos inúteis. Se os que pedem para sofrer a cremação soubessem das dores atrozes a que eles se expõem, eles tremariam de antemão: eles estremeceriam só a este pensamento, como é nocivo de se fazer incinerar, também é o de conservar seus despojos por diversos processos de embalsamento ou de mumificação. Os Egípcios que usavam estas últimas práticas em um desenho determinado não se davam conta do suplício que eles impunham a seus próximos. Um espírito que não pode se libertar de sua parte inferior enquanto esta

não seja destruída normalmente e fica atada e, por este fato, não pode evoluir e torna-se nocivo. Temos muitos exemplos de múmias que tem exercido sobre os vivos seus poderes maléficos e misteriosos.

A assistência que os vivos podem prestar aos mortos não se limita a facilitar a passagem desta vida para a outra e a assistir as exéquias segundo um rito religioso. As preces feitas a intenção do defunto diminuem suas angústias e facilitam seu arrependimento. A força mágica do sacramento e das orações alcançam as regiões onde a alma desencarnada sofre seu estado com mais ou menos resignação. Falei regiões para me fazer mais facilmente compreender pois, na realidade, não se trata de um meio com acepção que nós damos a essa palavra, é um estado da alma e não uma moradia. A oração modifica este estado e dá novas forças a alma penada. Esta situação penosa corresponde ao purgatório da Igreja.

É evidente que a culpabilidade do homem está em função de seu apego à terra e é porque o pecador passando no além tem necessidade de preces.

A necessidade destas orações se faz sobretudo sentir ao início da passagem além da tumba, quando a alma se esforça para se desembaraçar dos laços que a uniam ao corpo físico.

É neste momento que faz aumentar as forças dá alma desencarnada tendendo para a evolução.

Ao erigir preces especiais durante os primeiros nove dias após a morte e depois os quarenta dias que a seguem, a Igreja segue uma tradição antiga de ensinamento mágico.

### **8. AS PROVAS DA VIDA POST MORTEM**

Disse ao início deste trabalho que a morte é terrível, pois a pessoa volta para dar uma idéia aos vivos. Portanto, existe um meio com o auxílio do qual o homem pode provar as sensações da morte sem por isto chegar a seu fim. Venho falar por isto da exteriorização consciente ou inconsciente da alma.

A prática desta morte aparente faz parte da iniciação oriental e é o que explica o milagre produzido pelos faquires que ficam sob a terra durante um tempo assaz longo sem dar um sinal de vida. Um homem que voluntariamente se mete nesse estado apresenta a aparência de um cadáver. A respiração cessa e o coração não bate mais. Descendo na cova, semeia-se trigo sobre a tumba, e ele é exumado, para a colheita do grito. Após alguma manipulação, ele retorna a vida.

Durante todo esse tempo, malgrado os sinais objetivos que seguem o fim, ele continua vivo e os laços que unem seu ternário não se rompem.

Para realizar fenômenos desse gênero, é necessário antes de tudo possuir uma vontade de ferro que, em suspendendo as manifestações visíveis da vida física, não permite a alma abandonar definitivamente seu corpo.

De fato, é a parte espiritual em um homem que governa todo o ser e domina inteiramente seu Nephesh.

Mas esse gênero de experiência é dificilmente praticável pelos ocidentais, atados ao corpo físico e ao ambiente material. Nossa civilização e nosso progresso industrial tendem a nos fazer dominar as forças naturais não pela energia espiritual, mas pela máquina, fruto de nossa inteligência inferior. Nós somos chegados, é verdade, a vencer o espaço pela velocidade e pela T.S.F. Seria mais racional

usar nossas faculdades inatas, de ver ao longe pelo pensamento que poderia se manifestar telepaticamente ou mesmo visivelmente pela materialização do corpo astral.

O homem é uma máquina perfeita que nenhuma outra construída pode-lhe igualar. Deve sofrer para desenvolver suas aptidões; ele poderia então se passar de automóvel, de aeroplano e de T.S.F., pois ele livra-se, por sua parte superior, fora do quadro do tempo e de sua parte superior, fora do quadro do tempo e do espaço.

Infelizmente para o homem, a orientação tomada pela ciência contemporânea o faz um escravo preso a matéria, e em lugar de evoluir em refinando essa matéria, ele se afunda mais e mais. Seu pensamento dirigido para a terra é cativo, seu verbo inicial perdeu seu valor e, para transformar seu desejo em ato, ele deve com a ajuda das mãos modelar a matéria bruta - a terra adâmica.

É em que as concepções antigas diferiam das nossas e é isto que lhe permitiram criar uma civilização cujos vestígios provocam nossa admiração.

A lenda diz que os Atlantes possuíam máquinas voadoras e se serviam de uma luz desconhecida, será que pode ser nossa eletricidade? É possível, mas eu presumo que se eles sendo os mestres do ar e da noite eles tinham meios diferentes dos nossos, e que em lugar de se servirem de máquinas complicadas, eles realizavam os fenômenos graças ao simples desenvolvimento de sua espiritualidade e colocando em ação suas forças inatas.

Ao curso das buscas que eu empreendi no Egito, a coisa de vinte e cinco anos, sob a direção do sábio egiptólogo Maspêro, este personagem eminente me dizia freqüentemente que ele esperava sempre descobrir em suas escavações a "lâmpada eterna" da qual falava Herodoto e a qual acreditava existir. Mas suas esperanças foram em vão e a lâmpada continuava escondida. Convêm notar igualmente que jamais alguém pode descobrir algum instrumento astronômico e, portanto os egípcios sendo os mestres da ciência dos astros. Suas descobertas constituíram as bases da nossa ciência contemporânea e a precisão de seus cálculos é admirável para os sábios de nossos dias. Assim, eles determinaram o ano zodiacal e o fixaram em 25920 anos, enquanto que nossos sábios lhe davam, um pouco menos de 25900, outros em 26000 anos aproximadamente. Isto mostra que, mesmo com os instrumentos perfeitos que nós dispomos, é muito difícil de precisar a cifra do ciclo cósmico.

Os antigos "sabiam" e seu conhecimento excedia o nosso. Eles se baseavam não sobre hipótese e sobre relatividade, mas sobre a revelação divina e a razão de seu Nechamah. O pensamento entre eles não resultava do esforço imaginativo e para o realizar em ato eles só tinham que querer sem dispêndio muscular: Saber e Querer.

O ser humano atual apresenta a mesma composição que nessas épocas remotas, é sempre um ternário unificado; mas a parte inferior predomina e o equilíbrio geral é falho em detrimento da evolução e, por conseguinte, em benefício da involução.

A ciência despreza tudo o que ela não pode explicar ou demonstrar experimentalmente. Todos os sinais que nos oferece o plano espiritual e que poderiam nos servir de provas, são ignorados ou exibidos ao contrário.

Entretanto, os sábios conscienciosos, tais como Crooks, estabeleceram que, em certas condições, o homem se libera da influência da matéria e das leis que a regem (experiências de Crooks com o médium Hume, mudança e perda completa de peso).

O coronel de Rochas, no curso de seus trabalhos com sujeitos em profundo estado de hipnose, obteve a exteriorização da alma humana. Esses fatos deveriam incitar os sábios a pensar que além do corpo físico, existe qualquer outra coisa e que esta qualquer coisa não é justificável pelas leis que consideram como infalíveis. Todavia nada pode modificar a opinião de um homem de coisa decidida, e essas "cabeças fortes" sacodem os ombros com um sorriso desdenhoso. "Se eu não compreendo, é que isto não existe". Tal é seu raciocínio e eles persistem a procurar as soluções complicadas de um problema que poderiam ser resolvidos muito simplesmente só pelo desenvolvimento da espiritualidade inata no homem.

Deixando esta digressão. Minha meta não é de convencer as pessoas que vêm entre os antolhos. O que precede deve facilitar a compreensão dos indagadores que se livram dos dogmas oficiais e que se dato conta que o homem atual não desenvolve suas qualidades constitutivas no sentido da evolução. Ao contrário, ele tenta por todos os meios para se afundar, no mais fundo da matéria a chispa Divina, que está nele.

Mas, seja o que for, mesmo caído na classe rústica, ele não pode apagar esta chispa; fica sempre o Adam: o espírito encarnado.

Da mesma forma que um homem não pode tornar-se uma besta, ele não pode, enquanto esta encarnado, tornar-se um puro espírito.

A fé evocada pela religião ou outro exercício espiritual desenvolve no homem as qualidades de outra ordem elevada e permite fazer irradiar seu pensamento nos domínios fechados a seus elementos materiais.

Existem pessoas dotadas de clarividência e de poderes telepáticos em um alto grau. Todavia, nós podemos, ter, em um grau qualquer, estas qualidades que nós poderemos desenvolver. Para isto, temos a fé e a vontade. Estes dois fatores dão nascimento a uma força capaz de quebrar os limites materiais do tempo e do espaço e, com sua ajuda, o homem pode sondar o invisível, comunicar-se com o plano astral e mesmo com o plano superior.

Os grandes iniciados dos tempos passados, assim como os pais da Igreja são as provas do que eu disse.

No Oriente, o adepto tendo completado a maestria do corpo por sua força espiritual, está livre dos sofrimentos físicos, da fome, das variações de temperaturas, etc. Ele pode mesmo, à vontade, deter toda manifestação vital. Um tal treinamento será muito difícil de se realizar no Ocidente, pois demanda uma longa prática, uma mentalidade especial e um gênero de vida apropriado. Mas esses resultados podem ser obtidos por outros meios tais como a hipnose, pondo em relevo os fenômenos que provém da parte superior do homem.

Depois de alguns gestos, em aparência, inofensivos, um sujeito torna-se lúcido e leva um desafio a essas doutrinas pretendidamente infalíveis.

Ao exteriorizar o mesmo sujeito, o operador o lança no espaço e no tempo passado ou futuro e o que está oculto num aparente estado normal torna-se perceptível ao sujeito adormecido.

Este estado não imposto à ação de um hipnotizador. Certos sujeitos se colocam em transe sem o socorro de outrem. Outros, durante o sonho, se exteriorizam inconscientemente. Todavia, é fato sabido que essas atitudes se desenvolvem ordinariamente em detrimento do corpo físico e fazendo os seres hipersensíveis ou corporalmente muito fracos.

Tive várias vezes a ocasião de encontrar tais sujeitos e de controlar suas faculdades.

Citarei um caso que estudei de perto.

Trata-se de uma dama de uns trinta anos, a qual tinha conhecido durante a grande guerra de 1914. Ela estava quase paralisada e podia com dificuldade caminhar. Em seus sonhos, "ela visitava os campos de batalha e via" seus próximos em seus momentos difíceis.

É assim que ela assistiu a morte de seu irmão e descrevia a cena com precisão. Na manhã seguinte desse "sonho", um telegrama confirma suas declarações. Mais tarde as narrações dos camaradas de seu irmão estabeleceram a exatidão de suas visões nos mínimos detalhes.

Querendo me dar conta se este fenômeno era de ordem telepática ou se era conseqüência de uma saída total do duplo, eu procedi a seguinte experiência: Sem prevenir esta pessoa, eu chamei um dia seu duplo. Este último me apareceu e eu me entretive com ele um certo tempo.

Na manhã seguinte, eu fui vê-la. Ela me acolheu dizendo: "Eu te vi em sonho ontem. Estavas estranhamente vestido e no meio de um quarto bizarro". Depois ela descreveu com precisão meu traje, o lugar onde eu operava e me repetia nossa conversa sem suspeitar que tudo o que ela mencionava era uma realidade. Eu a deixei acreditar que ela havia sonhado. Para mim, estava estabelecido: havia sido exteriorização. Como seu estado se agravava e que estas saídas do duplo esgotavam suas forças, ela me pedia para lhe ajudar e de fazer cessar estes reveses fatigantes. O que fiz, pelos procedimentos apropriados fixando seu duplo ao corpo.

A partir deste momento, ela recobrou a saúde para grande admiração dos médicos que a tratavam, mas ela perdia suas faculdades extraordinárias. Ela continua bem de saúde. Quando a encontro, ela me manifesta seu pesar de não ter mais sonhos proféticos, mas prefere, entretanto gozar de uma boa saúde antes que de pagar bem caro o dom de ver o que está oculto aos outros.

O encarnado deve viver, aqui neste mundo, nas condições normais impostas ao homem pelo seu Criador. Um desenvolvimento exagerado das aptidões espirituais se fazem em detrimento de seu corpo físico, assim como disse anteriormente. Isto quer dizer que devemos desenvolver a parte animal. Esta parte deve, ao contrário, ser dominada pelo espírito encarregado da evolução da totalidade do ternário formando o homem.

Existem outros perigos mais temíveis que os que dizem respeito ao corpo; venho falar dos que se encontram nas experiências de desdobramento, é interessante ver a distância, de poder assistir as cenas do passado e, toda curiosidade posta à parte, estes fenômenos provam a existência de uma outra vida que esta aqui neste mundo. Todavia, estas experiências podem provocar perturbações graves: a loucura, e mesmo a morte. O corpo cujo espírito deixa provisoriamente o invólucro físico ao qual ele está ligado por um laço tênue, está exposto aos ataques de entidades do astral que se esforçam em prender em possessão (1). É por esta razão, que no curso do desdobramento, o corpo deve ser guardado por um iniciado usando de procedimentos mágicos durante toda operação. Um brusco despertar, um desarranjo qualquer pode impedir a reentrada do duplo em sua morada e o operador sofrerá a morte por suicídio com seu cortejo de sofrimentos. Ele é vítima de uma morte se é um terço que a tem colocado neste estado.

Por outro lado, a alma estando separada do corpo e encontrando-se em um plano, o qual ela pertence por sua natureza, mas na qual ela encontra-se anormalmente, está sujeita aos ataques de entidades

astrais que ela não pode repelir, não estando desencarnada e tendo transposto a fronteira antes do tempo marcado.

O que se entrega às experiências desse gênero com os sujeitos assume uma pesada responsabilidade; se ele opera sobre si mesmo, ele se dá conta do perigo e evitará semelhantes práticas. Eu não aconselho a pessoa de se arriscar nesse domínio cheio de emboscadas. Sendo obtidas as certezas, mas a que preço!

A morte virá um dia e o homem deverá passar por esta prova, mas ele não tem o direito de penetrar no astral para conhecer o mistério do além antes da data fatal. Ele deve ser convencido que a morte não é um fim, mas uma transformação, e esta convicção deve emanar de sua razão. Se ele venceu as provas, que desenvolveram nele a faculdade de entender a voz de seu Ego. Se ele chegar, a saber, o que conhece seu espírito, sua fé tornar-se-ia uma certeza e ele alcançaria na vida a meta que ele está predestinado. Ele evoluiria para a luz, para a felicidade, pois as atribulações e os prazeres insignificantes desta vida não poderiam mais lhe mascarar a meta suprema.

Como desenvolver em si estas faculdades? Existem dois meios: um é dado pela religião e o outro pelo estudo do esoterismo, ambos têm o mesmo objetivo, todavia por vias diferentes. O primeiro parte da Fé e da Bondade, Sabedoria. O segundo parte da negação e, pelo Saber, chega a objeto da fé do precedente.

O homem tem de escolher o caminho que lhe convém!

**FIM**